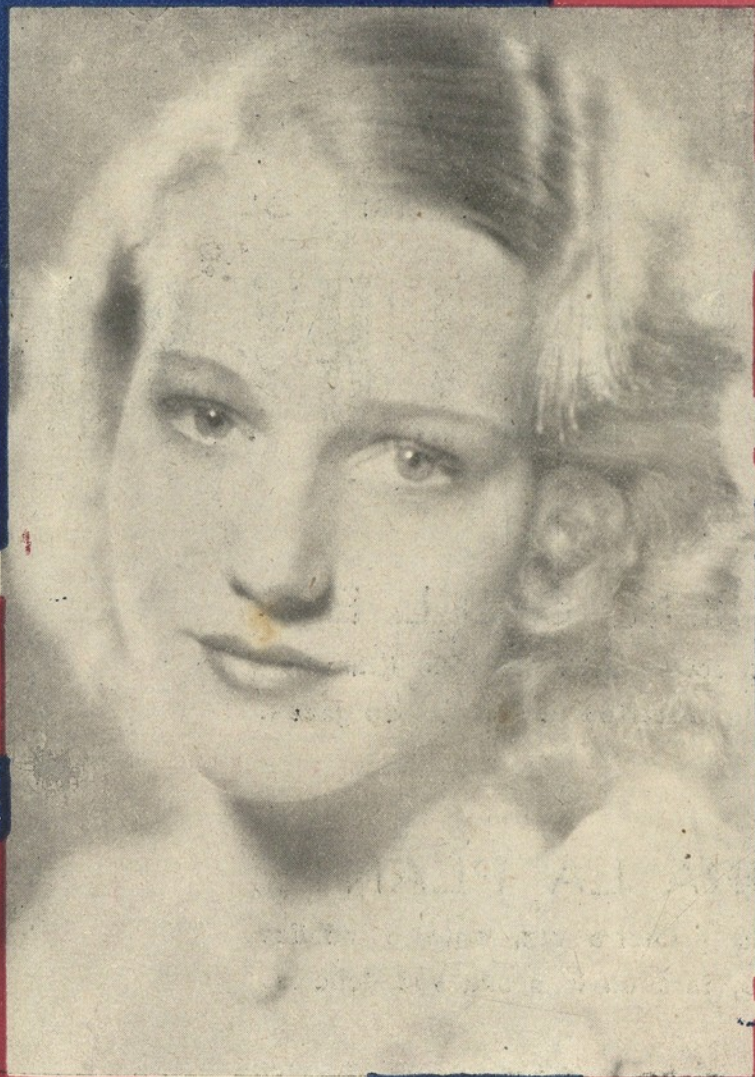


# INVICTA CINE

semanario ILUSTRADO

DE

cinematografia



nº  
137

preço

50

centavos

OSTA

# Castello Lopes

---

Tem a honra de inaugurar a época  
cinematográfica 1931-1932 do

## **TRINDADE**

---

com a super-produção  
da "Universal" falada  
e cantada em inglês

# A MARSELHESA

com :

**JOHN BOLES**

o famoso actor-cantor de «Rio Rita», «A  
Canção do Deserto» e «O Rei do Jazz».

— e —

**LAURA LA PLANTE**

que, pela primeira vez, ante o público  
do Pôrto, fará ouvir a sua voz deliciosa

• • •

Entre as várias canções dêste filme  
destaca-se o hino francês A MARSE-  
LHEZA, que JOHN BOLES canta  
magistralmente, com letra em inglês



SINGRANDO CONTRA  
TODAS AS PROCELAS.

# O Vínculo Cade

SEMANÁRIO ILUSTRADO DE CINEMATOGRAFIA

DIRECÇÃO E EDIÇÃO DE:

N.º 137

REDACTOR PRINCIPAL

ROBERTO LINO

PORTO

ALVES COSTA

26 SETEMBRO

1931

Comp. e Imp. - DIARIO DO PORTO

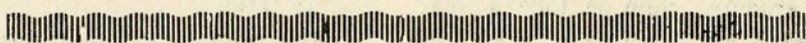
SOUTINHO D'OLIVEIRA

ANO 9

R. S. Bento da Vitória, 10 - Telef. 2300

Redacção e Administração: - Rua das Musas, 45 - PORTO - (Portugal).

## Pobre cinema!...



O cinema nunca foi uma arte livre. E nunca o foi, porque o cinema começou por não ser *arte*. Se definirmos *arte* como «a criação, pelo homem, dum mundo artificial que está submetido tanto às leis do pensamento humano como às leis naturais» (1), vemos que não foi nada disso o que os inventores do cinema pretenderam atingir. O primeiro desejo foi o de reproduzir o movimento e de dar vida a essas figurinhas irrealis projectadas pelas lanternas mágicas. E o que regeu esse desejo de retratar a vida não foi a necessidade de materializar um pensamento, de reproduzir um facto que tivesse deixado fortes impressões no cérebro; não foi por exemplo, o que levou o homem primitivo a riscar nas paredes das suas grutas, desenhos toscos representando animais ou cenas de caça—primeiras manifestações de arte; foi a ânsia de explorar, com fins científicos por uns, por outros com fins comerciais, um mundo ainda desconhecido mas tentador.

Só mais tarde, e já então o cinema era uma industria florescente, foi que se começou fazendo *arte*; foi que se começou pensando *em imagens* e não mais armazenando em longas fitas de celuloide o froixo e sensorião reflexo duma cena real ou duma pantomina.

Foi tarde demais, porém. E os artistas, os artistas verdadeiros e sinceros, não tiveram forças para arrancar essa arte nascente das garras dos fabricantes de ficções cinematográficas. O próprio público, já então viciado pelo habito da má alimentação visual que lhe davam—vício que se atenuou mas que ficou para sempre enraizado—, estranhou a ousadia daqueles que queriam salvar o cinema, dificultando-lhes ainda mais a tarefa. E enquanto uns lutavam por nos apresentar uma imagem rigorosa e verdadeira da vida ou por nos arrastar até aos domínios maravilhosos do sonho e do irreal, os industriais do filme, mais bem armados, infiltraram-se por toda a parte, apoderaram-se de tudo e, à força de oiro, impuseram a sua vontade e as suas obras. cada vez mais numerosas, conquistando até os artistas que momentos antes eram seus inimigos

que, sob a sua égide, ficaram sendo seus vassallos obedientes.

Por vezes, nós queixamo-nos dessa massa anónima e complexíssima que é o grande público cinéfilo, o público que enche quotidianamente as casas de espectáculos cinematográficos. E queixamo-nos, porque êsse público absorve tudo sem um protesto—mesmo com prazer—evidenciando quasi sempre um nítido desinteresse pelas obras de real mérito artístico ou de elevado valor cultural ou sociológico. Mas as gentes que compoem êsse publico não teem a maior culpa. A uns, o baixo grau de cultura e sensibilidade artistica, a todos a carência de educação cinematográfica e o habito de uma má alimentação visual, impede-os de procederem de outra forma.

O cinema é para os produtores um *business* como outro qualquer... logo, toca a fabricar do que é mais vendavel e nada de habituar essa gente a querer mais do que se lhes dá. E as grandes firmas de aquem e de alem Atlantico, moralmente unidas, fabricam em serie, standardizam, embasbacam meio mundo com uma publicidade engenhosa e sujeitam os gostos e as vontades dos outros aos seus proprios gostos e ás suas proprias vontades. E o público, sem dar por isso, deixa-se levar, deixa-se contaminar.

Eu vou citar um exemplo bem singelo que me servirá de meio de explicação: Antes da guerra e mesmo depois, durante algum tempo, o pão era um alimento bem feito e barato. Eu lembro-me que, quando era miudo, o pão não só era maior do que o é hoje, mas tambem era fôfo e saboroso, conservando-se fresco até altas horas da noite. Pouco a pouco as materias de que se serviam para o fabricar foram sendo adulteradas para darem mais rendimento, ao mesmo tempo que o fabrico se tornava cada vez peor. O tempo passou e hoje comemos este pão, mal feito, pouco saboroso e que em meia duzia de horas se torna como borracha, sem que nos queixemos e sem nada estranharmos. Porque? Simplesmente porque estamos habituados.

(1) André Maurois.

# FITAS FALADAS...

## Nudismo

Ainda a propósito do nudismo o meu querido Jeremias, que, diga-se francamente, é uma pessoa inteligente que muito admiro, acaba de afirmar-me a sua inabalável disposição de vir nas colunas da *Invicta* deitar por terra toda a propaganda feita em prol do nudismo, porque, diz êle, não encontra razões de ordem estética nem higiénica que concorram para o engrandecimento de semelhante prática.

Ora o meu Jeremias, pessoa duma cultura sólida que mete inveja a muitos dos nossos mais apreciados eruditos, além de toda a sua sabedoria, de toda a sua ilustração, de toda a sua filosofia, tem o defeito de ter bebido o leite que no fim do século passado os académicos ordenharam das tétas do romantismo. E daí lhe proveio a retrovisão com que costuma apreciar os hábitos dos rapazes e raparigas no ano de 1931. Quer êle queira, quer não, apesar da tocante invocação que êle, singelamente, sabiamente, me fez da sua aldeia natal, pelo tempo em que o sr. D. Carlos reinava, quando êle, Jeremias, ainda estudante liceal, para delícia sua e enternecimento dos avós, durante as férias grandes, ía puchando as fumaças da sua sabedoria perante a assembleia acanhada, tímida e ignorante mas de bom senso, que compunha a família, a santa família da casa, como êle ainda hoje diz cheio de saudade quando se refere aos seus antepassados; quer êle queira, quer não, o nudismo avança comigo, contigo leitora, porque é do nosso século.

Hoje as assembleias familiares não se compõem, como no tempo em que o Jeremias era moço e audaz, de senhoras devotas, homens sudos e meninas de virtude relapsa. Nêsse tempo atravessavam a charneca os carros ronceiros, incómodos, de molas de azinho, puchados a mulas pacientes e preguiçosas. Hoje o automovel, a cem à hora, passa como vertigem. Ele é do tempo da análise. Nós somos do tempo da síntese.

E' claro que se o Jeremias tivesse nascido dentro do novo regimen político, como me succedeu, a aura da liberdade cantada em estrofes revolucionárias pelos pais da pátria certamente lhe teria influido na psicose, levando-o a aceitar por bom o que lhe parece detestável.

O nudismo é um problema de educação. Educação livre, racional, humana.

E' um problema do nosso século.

E se o Jeremias o quizer discutir comigo nas colunas da *Invicta* imponho, como bom nudista, uma condição apenas:

—Jeremias, dispa o casaco. O casaco e o resto. Depois apareça.

## Carta da aldeia...

Entre as muitas produções portuguesas que se anunciam para a próxima época cinematográ-

fica, figura um documentário romantizado dos costumes e belezas do Minho, que deve ser qualquer cousa de interessante e irédito.

O argumento da autoria do distinto jornalista Augusto Pinto, baseia-se numa carta que um provinciano escreve a um parente emigrado em terras de Santa Cruz. Nessa carta o provinciano explica ao parente ausente as belezas e costumes da sua terra, começando, para nós, espectadores, a desenrolar-se as cenas no écran.

—Mas onde está o inéditismo?—perguntará o leitor.

Na carta.

Pela primeira vez tomamos contacto cinegráfico com um dos mais sentimentaes costumes portugueses. Com o característico «estimo que ao receberes desta...» Depois, possivelmente em *post scriptum*, para deixar mais bem dispostos os espectadores, aparecerá na tela, em caracteres caligráficos a noticia de que «o burro do regedor, deu um coice na porca da professora...»

E assim acabará o filme...

## Copiar

Não se zanguem, queridas leitoras, que não é com vocês.

E' o facto de que, segundo dizem os jornaes, um engraxador francês, levou ou mandou levar aos tribunaes de Paris um processo em que accusa o Milton, do Rei dos Borlistas, de, no seu novo filme *Le roi du Cirage*, ter-lhe copiado a personagem que êle interpreta na sua vida real, pelas ruas de Paris.

Não sei se será verdade ou réclamo. Em qualquer dos casos o Milton copiou; ou a personagem ao engraxador, ou o réclamo aos americanos.

Não me admiro que realmente tivesse copiado o «graxa» para o seu novo filme, pois Milton copiou de um filme da *Educational*, os *gags* do desafio de rugby que vimos no Rei dos Borlistas, e de que vocês ainda se devem recordar.

Descobri o plagiato por méro acaso, numa noite em que os programas de Lisboa já estavam vistos e revistos. Entrei num dos cafés do Parque Mayer, e assisti á exhibição de um filme cómico, da *Educational*, cujo titulo, se não me falha a memória, era «Celestino, avançado centro».

Nessa altura tive ocasião de admirar os *gags* de um desafio de rugby que eram exátamente eguaes aos que vi no Rei dos Borlistas.

E por isso vos digo que não me admiro da veracidade ou voracidade desta nova copia de Milton.

Douglas Faz... bancos.

# A Opinião de Dina Tereza sobre "A Severa,"



DINA TEREZA

Muitos dos nossos leitores, teem-nos enviando as suas opiniões sôbre o filme «A Severa». Muitas delas com um certo critério e sentido de observação bastante aceitaveis, outras mais fracas; mas, na generalidade, tôdas elas nos deixaram a convicção que a «A Severa» alem de ter sido um triunfo do cinema nacional foi tambem um incentivo para se discutir, fazerem-se comparações e, enfim, para se raciocinar. E com isso, folgamos imenso. Sim, ficamos muito satisfeitos por vermos que vocês, queridos leitores, já começam a vêr os filmes com um certo interesse, a notar-lhes as qualidades e os defeitos, e a formarem a vossa apreciação sôbre os mesmos.

Só nos faltava a apreciação duma nossa leitora, que vocês muito bem conhecem e admiram. E' ela uma moreninha interessante, irrequieta, e alegre. Olhos brêjeiros, de uma brejeirice que nos comove e quási nos faz enternecer...

Esta simpática leitora é Dina Tereza.

Mas é uma artista! direis. Sim, mas uma artista é tambem uma espectadora. Sente e aprecia o filme em que entrou, muitas das vezes com tanto ou mais critério que os outros.

E' vedado a uma artista dizer o que sente? Fazer uma apreciação dum filme ou duma peça em que entre, parece mal?

Não. E quando Dina Tereza me disse que era suspeita a sua opinião e me prega discurso dizendo que não, que não diria nada porque vocês não acreditariam na sinceridade das suas palavras, fiz notar que nós e os nossos leitores já há muito sômos nudistas, despidos de tôdas as tôlas convenções da sociedade, e para quem não existe aquêlê senhor falso e impostor que é o Parece Mal. Que para nós só há a franqueza pura e simples, que o direito é igual para todos. que a crítica é livre...; que devia, pois, dar a sua opinião sem entraves, sem peias, sem receio de que não acreditemos, e que mais isto e que mais aquilo etc... etc. Acabou por se convencer, por me dar razão, e por se sorrir num sorriso de Severa, tão terno tão sedutor que nem sei o que nêsse momento eu senti em mim...

Indicou-me um atraente e comodo sofá, existente no seu pequenino camarim e respondeu:

—Pois bem, digo-lhe muito sinceramente que «A Severa» é um filme, do qual gostei bastante, e é para mim, como espectadora, um filme duma beleza inaudita. Tem quadros maravilhosos que só L. de Barros seria capaz de realizar. Basta vermos o tempo que tem estado em exhibição, um verdadeiro récord, para se ver que é um bom filme. Estou certa, que esta opinião é tambem, a do público.

—Quais as cênas que gostou mais?

—De todas. Mas dou preferência a quella em que contracêno com Maria Sampaio no corredor da Praça de Toiros. Não vou mais vezes ao S. Luiz, para não dizerem que sou vaidosa, pois tenho grande prazer em me ver no écran.

—Diga-me, Dina, quais os artistas que gostou mais?

Todos muito bons camaradas António Luiz Lopes nunca foi artista e não é para admirar o seu desempenho. Fagim foi optimo. Alegrim muito engraçado e artista como sempre. Gostei muito da cêna com Maria Izabel e Lavradio. E a Mariana Alves então, revelou-se uma bela artista!

—Qual a sua opinião sôbre Leitão de Barros?

—Mas a de tôda a gente. E' o primeiro realizador português. Inteligente e com uma persistencia que é para admirar nos tempos de hoje. Leitão de Barros deu uma lição e oxalá a saibam aproveitar.

Uma voz que chama; uma campainha que se ouve. E' o espectáculo que vai começar e a entrevista que fi da. Despedimo-nos da nossa amiguinha, que de fugida ainda nos disse: os meus cumprimentos aos vossos leitores e um abraço ao camarada Amok.

E já cá fora pensei—Qual o novo filme em que a veremos? E' uma resposta difícil de dar. A ver vamos...

P. de A.

---

## FOTOGRAFIA GUEDES

Primeiros premios em todas  
as exposições a que tem  
: : concorrido : :

346-Rua de Santa Catarina-350

# marlene dietrich



Tem os olhos cristalinos, puros, dum azul tam límpido, que lá ao fundo, através da sua retina, poder-se-ia vêr, se não houvesse umas palpebras que descem com uma quietude tranqüila, duas prégas de veludo que se unem, como para sonhar, como para esquecer o passado, como para idealizar novas perversidades...

Cabêlos loiros, que a luz faz brilhar, faz doirar nos seus ondeados de mistério, onde parece a vida perder-se, onde parece afogar-se a honra, como se afogou a do professor Rat, naquela loira Lola, de voz arrastada, quente e sensual, que magnétizava os espectadores de «O Anjo Azul». Quem não seria capaz de seguir aquela mulher estranha, que domára a candura e a inteligência do mestre, como já acanalhára a dos alunos?

Tem uma bôca que parece pedir um beijo, mostrando através da sua entreabertura uns dentes que trincariam com delicia a maçã pecaminosa da Eva, maçã que hoje, invertidos os termos a fantasia católica, Adão oferece; maçã, amálgama de honra e preconceitos...

Tem, leitores, todos aquêles dotes necessários para tornar uma mulher uma artista, capaz de viver não os tipos de candura ingenua, mas a perversidade, o estranho aniquilamento da moral, quando, nos seus coleares de cobera, no seu olhar magnétizador de serpente, no seu falar arrastado de sereia, procurar na carne e com a atração dela, a fôrça necessária para subir o degrau eterno que o homem é no deboche natural e ridículo da vida, encoberto por tiranias sociais, principios vélhos em vidas novas, que só tem servido, hão-de servir e servem para cada vez mais inferiorizar o homem dentro da escala animal; paradoxo curioso correspondente ao desenvolver duma civilização que marcha para o seu próprio aniquilamento.

Curiosa figura do écran esta Marlène Dietrich, pervinca, perversa, hedionda e repugnante dentro dos seus papeis artisticos; doce, amável, cativante, no exterior, no trato, na sua própria vida. O écran precisou há uns anos de deslumbrar o público, de demonstrar que não era fictício o realismo sempre actual da literatura de Zola; precisou fazer cair a máscara da hipócrisia, atirar as últimas flechas ervadas a uma sociedade podre, como a actual; precisou fazer baixar a impostura, quebrar a marreta-

das os dogmas e principios dum século de beatério, de lixo e de incoerências. Foi buscar o seu veneno à vida social, foi bem merecer o titulo que o cinema tem de espelho da vida...

E servindo-se da Greta Garbo, da Brigitte Helm, da Marlène Dietrich, tem mostrado a vós, a nós, que ridícula é a ficção, como as camadas de pó de arroz, de carmin e de baton, como as casacas e os smockings encobrem por baixo a escumalha da crápula, da fraude dos principios, tam alárvemente proclamados.

Esta Marlène que nos baseia o artigo, esta estranha figura do écran que vive como ninguém figuras da vida, pode amanhã ruír catastróficamente o cinema, mas ela ficará gritando, como no filme «O Anjo azul», que a ficção da moral é uma ridícula cantata! Como o professor Rat, encarna bem a miséria crescente do nada social actual!

E no entanto, canta-se ainda tudo, tudo é belo ainda, quando há uma espiritualidade superior como a que aparece nesta mulher, de voz arrastada como a de colarejas, quando eria os seus papeis, cantante, vibrante de vida, quando não é senão um grão da areia que forma a humanidade.

Marlène Dietrich, apagada figura do palco a quem a «camara» deu notória celebridade, esta cativante loira, que os seus colégas de studio estimam, que as próprias rivais acarinham, tem traçado no futuro do cinema um caminho brilhante, uma estrada de glória da qual não será fácilmente desaposada.

E' que esta Marlène Dietrich, o anjo rosa lhe chamam, teve o condão mágico de, com os seus olhos de cristal puríssimo, impôr-se e criar-se como uma das mais extravagantes, das mais queridas e das mais extraordinárias vedetas do cinema, a arte suprêma do século XX. Marlène Dietrich, «a mulher», no dizer de Jean Lévener, que com a voz arrastada, sensual, domina o espectador desde o momento em que se nos mostra na tela, é a mais extraordinária das vedetas ultimamente descobertas para o écran.

Sócrates.

---

“Invicta Cine” é a revista cinematográfica  
de maior expansão no Norte do País

---

## FOTOGRAFIA GUEDES

O mais completo atelier fotografico

Telefone, 2680

NEVES GUIMARÃES

346, R. Santa Catarina, 350



MARLÈNE DIETRICH



*Na impossibilidade de publicar todas as opiniões recebidas, limito-me a transcrever-vos integralmente as quatro melhores cartas sobre este assunto, que me foram enviadas:*

AMOK.

## O que os nossos leitores pensam de "A Severa,"

Ha já mais dum mês que «A Severa» foi apresentada em público. Todos os jornais, todas as revistas, falaram deste filme. Todos os críticos, uns mais benevolamente do que outros, deram a sua opinião sobre a recente obra de Leitão de Barros. Só o público é que não disse nada posto que nos tenha feito crer que gostou, acorrendo em massa aos cinemas que exhibiram «A Severa» e cantado e assobiando por todos os cantos as canções mais populares desse filme.

Considerando que o núcleo de cinéfilos representa a elite desse público e dele é o representante junto a nós, junto da imprensa cinematográfica com a qual está em estreitas relações, lembrei-me, então, de pedir aos meus leitores a sua opinião sobre «A Severa. Uma a uma juntei um montão de cartas—um montão de opiniões—e constatee com prazer que a falange cinéfila gostou e gostou muito. Ainda bem.

Só anteontem fui vêr «A Severa» e, caso curioso, gostei. Não se admire de só anteontem—o penúltimo dia em que êsse filme passou no Aguiá—o ter ido ver e de achar curioso o facto de ter gostado. E' que, não sei porquê, desde os primeiros momentos e até, mesmo, depois das contínuas boas referências que os senhores fizeram, eu alimentava uma expontanea — e agora vejo como era injustificada — má vontade contra A Severa, contra tudo que se relacionava com A Severa. E por isso fui ao cinema de «regañadientes» como dizem os espanhoes. Comecei vendo a fita, e logo que desfilaram aqueles quadros lindíssimos do começo eu não queria gostar, fiz por não gostar, mas... quando os campinos conduziam os toiros em grande correria levantando nuvens de pó, eu não me pude conter mais e, acotovelando um amigo que estava comigo, exclamei: Que bonito!

Depois desta passagem as cênas que mais me agradaram foram aquelas no final: toda a festa do Santo Antonio. A música, as canções, as danças, os falguedos, os trajos populares dão a este final um pitoresco e uma beleza inigualáveis. Um verdadeiro encanto.

A parte romanceada do filme não me interessou. Mas toda a parte por assim dizer documentaria, acho-a magnífica. E tão magnífica a achei que no dia seguinte voltei a ir ver A Severa... e levei a minha familia comigo.

Mar-e-Alva (Porto).

A Severa é um bom filme, que me agradou bastante! Eu, confesso, era daqueles que não tinham confiança no successo de A Severa. Porque? Talvez por achar arriscada a empresa e por me lembrar dos anteriores filmes portugueses; mas en-ganei



—me e fiquei contente, pois a obra de Leitão de Barros, apesar dos muitos defeitos que tem, é um bom filme, com pedaços de grande valor, como as cênas do início do filme.

Mas — sa-

be?— acho exagerada a aureola de que querem cercar Leitão de Barros; se o realizador de A Severa fôsse comparavel a um Dreyer ou a um Epstein, como já alguém disse, e estivesse na altura de sêr preferido aos melhores realizadores estrangeiros, como disse outro alguém — certamente num ímpeto de exagerado patriotismo—não teria deixado passar no filme, os tantos erros que ôle tem! Não concorda comigo? E sabe qual foi, para mim, o peor defeito? Não serem todos os dialogos sincronizados. Para mim, uma fita falada, deve-o ser totalmente. de contrário, nos dialogos mudos, tenho a impressão que os artistas enlouqueceram! Notou tambem isso não é verdade? Então nas últimas cênas o efeito é horrivel! Só dentro de casa é que ha dialogos; e quando o conde vem a subir a escada e D. José vai ao seu encontro, a cêna entre os dois, dá a impressãõ de que são surdos mudos, que só por mímica se entendem. Tambem na cêna do encontro do conde com a Severa, na qual os ouvimos falar, e se ouvem as gargalhadas do Marialva e de D. José, à ideia de fazerem tremalhar o gado, e quasi em seguida, a gargalhada muda do cigano ao vêr cair a mulher, o efeito é péssimo!

Mas tudo se perdoa ante as outras belezas do filme, diz-me-á e eu concordo consigo. As cênas dos festejos de Santo Antonio e as da tourada e principalmente as primeiras, são lindas! E a cêna que vale para mim todo o filme, sabe qual é? O quadro da taberna, nas cênas da feira. Que beleza incontestavel! A luz, o ambiente, a toada dolente do fado, que encanto!... Uma bela fotografia, um lindo quadro!...

Só duas linhas sobre os artistas, para acabar esta maçadora carta...

Agradaram-me todos, mas só um me pareceu ter alma para vir a ser um «artista»: Antonio Fagim. Foi quem mais me agradou. Dina Tereza





canta bem, tem boa dicção, mas achei-a com pouca expressão, pouco sentimento... e em certas cenas, má declamação. Antonio Luiz Lopes não tem alma de artista; mas com franqueza, ao que me disseram dele, pensei que fôsse muitíssimo peor a sua interpretação. Mesmo, êle não tem culpa de ter má dicção e de não saber declamar, e por isso não são justas as críticas exageradas que ouvi. Se o papel do conde de Marialva—como galã—não foi bem desempenhado, a principal culpa é do realizador. Leitão de Barros devia ter-se lembrado de *Sangue e Areia* e de que não foi certamente Rudolfo Valentino quem vimos tourear...

Antonio Luiz Lopes não foi artista, mas foi admirável cavaleiro e gentilíssima figura. Alegria, bem. Ribeiro Lopes, demasiadamente teatral. A marquesa de Seide foi quem menos me agradou, em certos dialogos, quasi tão mal como Antonio L. Lopes.

Aí tem a minha opinião.

Melisande (Lisboa)

\* \* \*

Perdoe-me se só hoje lhe dou a minha opinião sobre *A Severa*, mas quando estive aí no Porto, andei tão atarefada que só quando me vi de volta á minha terra natal me resolvi escrever-lhe.

O Leitão de Barros merece um grandecíssimo abraço. Eu bem sei que dizem mal do homem, que dizem que *A Severa* está mal sonorizada, que é muito longa, que tem muitos erros. Deixe-o. Eu gostei, e Você também ha-de ter gostado porque, na verdade, se não é uma obra-prima—nem para isso tem pretensões—é, pelo menos, um romance-documentario lindíssimo... e bem feito, apesar de tudo. A espera dos toiros é para mim uma das cenas que eu mais admiro. É a tourada? Está simplesmente magnífica. Dizem que ha pouca gente na assistencia. Não acho. Mas se realmente ha pouca gente, eu sempre queria que me explicassem por que era obrigatório que a praça se enchesse completamente. Não encontramos nós, muitas vezes, os cinemas só com meia casa cheia, levando mesmo bons filmes?

Quem disse para aí que as cenas do começo eram muito aborrecidas? Houve realmente quem tal afirmasse, uns idiotas sem sensibilidade artistica, incapazes de compreenderem, de sentirem a beleza visual do mais simples quadro cinematografico. Foi para estes que o sr. Rino Lupo fez o seu *José do Telhado* e é para êles, também, que uns senhores quaisquer, americanos e franceses, realizam dessas historias de salões e de adultérios. O Rino Lupo! Ora aí está um homem que não devia ser nada tólo, porque soube compreender e explorar a estupidez pública...

Mas, afinal, eu estou fazendo divagações, que



talvez não lhe interessem, quando afinal o que eu queria era dizer-lhe que *A Severa* é um belo filme, digno dos nossos aplausos e do nosso carinho...

Flor Mimosa (Vizeu)

\* \* \*

Eu gostei de *A Severa*. Gostei sinceramente e vi o filme duas vezes com cuidado e interesse. Um bravo ao Leitão de Barros! Isso não impede todavia que eu faça alguns reparos. Leitão de Barros, talvez demasiado preocupado com a respeitavel envergadura da sua obra, descuidou muitos detalhes e fez mal, prejudicando assim a sua obra. Por exemplo: Luiz Lopes declama e representa muito mal, mas é um excelente cavaleiro e um destro toureiro. Porque é que não se empregou A. L. Lopes unicamente como *double* doutra entidade que melhor representasse o seu papel?

Da mesma forma também se poderia ter evitado que se visse tão nitidamente que Dina Tezera não tocava guitarra...

De resto eu estou de acordo com a critica do sr. Alves Costa... simplesmente acho que ha fados demais. Mas, que maravilha aqueles quadros de abertura! Que beleza de fotografia! Que bela toda a partitura! Que graciosas todas as canções!

No conjunto, o filme não é muito homogenio mas, digam o que quiserem, é um magnifico documentario etnico que merece correr nos ecrans de todo o mundo, E se neles for exibido, estou bem certo que agradará plenamente pelo seu pitoresco e pela exhibição magistral do nosso riquissimo folklore.

Alberto (Porto)

## FOTOGRAFIA GUEDES

o MAIS COMPLETO ATELIER FOTOGRAFICO

Telefone, 2680

NEVES GUIMARÃES

346, Rua Santa Catarina, 350

# DA VIDA CINEGRÁFICA

## Um novo invento

Um inventor francês, segundo diz o *Times* de Nova York, acaba de demonstrar numa das ultimas sessões da Academia de Ciencias, de Paris, uma camara cinematografica de sua invenção, cuja rapidez assombrosa permite apanhar vistas na razão de 2 500 a 3,000 quadros por segundo.

Diz o comunicado que com o referido aparelho conseguiram-se fotografar as vibrações do vôo dos insectos. A mosca, por exemplo, vibra a asa apenas nove vezes por segundo.

A nova camara poderá ser de grande utilidade prática nos estudos microscopicos em movimento.

## O custo da harpa de Harpo.

Harpo, um dos quatro irmãos Marx que trabalham nos filmes da Paramount, possui uma harpa que lhe custou a módica soma de doze mil dollares, ou seja, aproximadamente, na nossa moeda, duzentos e setenta mil escudos.

Presentemente aqueles artistas trabalham no fonofilme «Monkey Business».

## Lubitsch actor de cinema.

Ernst Lubitsch, que hoje goza da justa fama de ser o melhor director do cinema americano, em tempos que já lá vão trabalhou como cómico de segunda categoria num filme alemão que tinha por titulo «Meyer nos Alpes». Como os tempos mudam!...

## Na capa

Constance Cummings, uma das mais cotadas artistas da «R. K. O.» para cuja empreza terminou ultimamente o filme «Traveling Husbands».

Esta formosa artista foi ha pouco elegida para o grupo das «wampas Baby Stars» de 1931, cuja distincção é sómente concedida todos os anos pelo «Club de Wampas» a um pequeno numero de 13 artistas.

## A electricidade no cinema

Ainda não se chegou á época de fazer filmes, utilizando energia não proveniente de lampadas, mas quando se atinjam tais resultados haverá muito que escrever sobre a inovação. Actualmente poderia dizer-se, sem receio de êrro, que sem a ajuda mágica do «carvão branco», não seria possível fazer as maravilhas cinéfonicas que assombram actualmente o mundo inteiro.

Para poder-se fazer uma ideia do que vale a electricidade na confecção dos filmes, daremos apenas umas notas:

A 80 quilómetros de Hollywood, encontra-se o lugar de «El Eucino», propriedade da R. K. O., completamente atravancado com toda a espécie de cenários campais, cabos conductores de electricidade, vias férreas, ruas pavimentadas, formosos jardins cultivados esmeradamente, um lago artificial, um riacho, etc.

O citado lugar está ligado electricamente com os studios principais da R K O, de Hollywood, e quando estão muito ocupados os aparelhos registadores de som do dito lugar, todo o que se tem a fazer, é dirigir o registo de som directamente aos aparelhos de Hollywood, a 80 quilómetros de distancia, onde as palavras, canções, musica e demais sons, são impressionados sobre filme. Fez-se isto em algumas cenas do filme «Cimarron», nas quais os sons absorvidos por inumeros microfones colocados em diferentes lugares de «El Eucino», foram registados electro magneticamente pelos aparelhos receptores de Hollywood.

A voltagem que consomem esses studios é simplesmente estupenda. Os da Radio, incluindo iluminação, ventilação, propulsão e registo electro-magnético consumiram mais de dois bilhões de watts durante o ano que terminou em Março de 1931 e a distribuição desta energia esteve a cargo de



Imagens do fonofilme «SALLY» que hoje e amanhã se exhibe no Olimpia.

[(Programa Castello Lopes).

(Conclui na última página)

**Um apaixonado pela Clarinha** — Porto — Qual Clarinha? A Heloisa ou a Bow...a?

Já disse mais de mil e quinhentas vezes que a Clara Bow está afastada do cinema. Se é pena, é assim mesmo. Contudo Você não desespere. Chegaram-me uns zumbuns de que a Universal lhe ia oferecer um contrato. Mas por enquanto só se sabe que a Clara repouza física e moralmente no Rex's Ranch, longe da vida buliçosa de Hollywood. Já aqui disse também uma centena de vezes que só em casos muito excepcionais é que eu responderia a perguntas sobre a idade, o peso, a cor dos cabelos e outras particularidades dos artistas de cinema.

Quanto á grande novidade que o amigo me dá, não é novidade nenhuma, como já deve ter visto, se leu o último número. Era realmente a Heloisa Clara quem Você viu na Foz; os dois rapazes que as acompanhavam eram dois camaradas meus. Você merecia ser coroado rei dos cinéfilos fisionomistas. Escreva sempre que queira. Estarei incondicionalmente ao seu dispor.

**Mimi**—Porto—Já respondi á sua carta no número 135 de *Invicta-Cine*. Como vê os seus ralhos são injustos.

**Guilherme Silva**—Figueira da Foz—Obrigado pelo seu postal e pelo abraço. A si, também, desejo uma divertida vigeiatura nessa encantadora praia. Vai fazer três anos que aí não vou e tenho saudades, porque passer, nessa altura, uma quinzena adorável na Figueira.

**Flôr Mimoso**—Estoril—Você anda sempre a saltitar!... Obrigado por se ter lembrado de nós. Folgo que se tenha divertido tanto como diz, quer nadando, quer brincando na praia, quer dançando. Felicidades!

**Luizita**—Miramar—Pelo que estou vendo os meus leitores andam todos veraneando, mas estou notando, também, com reconhecido prazer, que não se esquecem de mim. Sabe que a sua caligrafia microscópica deu-me que fazer? Houve duas passagens do seu postal, que eu não percebi lá muito bem e porisso'abstenho-me de tocar no assunto a que Você se referia.

Esta leitora deseja trocar fotos, revistas e programas do «Aguia» por programas do «Trindade».

Obrigadíssimo pelas suas palavras amáveis. Escreva mais vezes.

**A. Leite dos Santos**—Porto—O quê? Onde é que «ha leite dos santos»? Isso deve ser uma coisa muito estranha!... Perdoe, estou brincando.

1.º Leia o que digo a «Um apaixonado»; 2.º Por enquanto Pola Negri ainda não morreu. Longe vá o mau agoiro.

**Amokfilo**—Porto—Obrigado pela sua amizade. Jeanne Helbling está neste momento em Berlim no Hotel Eden. Pode escrever-lhe para aí mas faça-o já, já. Se arranjar tempo, quando for para fóra, mande-nos notícias suas e conte coisas.

**Eu é que sou a tua noiva**—Espinho—Tambem queres ser minha noiva? Pronto. Far-se-á a tua vontade. Quantas mais noivas melhor. Vou já tratar de mandar construir o harem para armazenar as minhas futuras mulheres. Quanto á tal revista lisboeta, penso que os rapazes que a fazem devem ser excelentes camaradas mas tem muita «garganta»... o que afinal é naturalíssimo. Não sei bem a qual interprete do filme *Nostalgia* se refere. De mais a mais eu já vi essa fita ha tanto tempo! Todavia, creio que era o Jean Murat. A direcção da Ufa é: Kochstrasse, 6—Berlim, Alemanha. Escreva mais vezes.

**Melisando**—Lisboa—O sr. Americo Teixeira Freitas deseja trocar correspondência consigo, assim como oferece revistas, postais, programas, etc., em troca de fotografias de artistas. Que lhe devo dizer?



**Business man** — Lisboa — Oh homem, Você até me assustou com tantas perguntas. Excepcionalmente respondo a todas duma vez, mas olhe que isto não é para sempre nem para todos. Al Jolson: United Artists Studios, 1041 N. Formosa Ave.—Hollywood, Cal.

U. S. A.; Lilian Bond e Kay Francis: Warners-First National Studios, Burbank, Calif., U. S. A.; Sally O'Neil: Fox Studios, 1401 N. Western Ave., Hollywood, Calif. U. S. A.; Annabella: 19, rue Chanzy La Varenne, St. Hilaire, (Seine), França.

**Bairro Latino** é uma produção Sofar; **O Julgamento de Gaby** é de Pathé-Nathan. **O Rei do Jazz**, na minha opinião, é um filme interessantíssimo. Fez mal em o não ter visto.

Dolly Davis é francesa. Creio que respondi a tudo. Está satisfeito? Quem é amigo?

**A. S. S.**—Porto—Não respondo a perguntas dessa categoria. Para outra vez escusa de perder tempo.

**Américo Teixeira Freitas**—Porto—Particparei a Melisando o seu desejo mas creio que não o verá satisfeito. Não li o jornal a que se refere porisso não lhe sei responder. Sempre ao seu dispor.

**Amo uma mulatinha**—Vizeu—Tambem eu. E que amor de rapariga que ela é!... Mas isto é cá outro negocio que nada tem que ver com o cinema. *Piccadilly* tem como inter-pretes: Ana May Wong, Gilda Grey, Jamerson Thomas King-Ho-Chang, E' um filme inglês da Bristish International Pictures. Não era uma obra prima, mas tinha algumas qualidades de agrado. Não me incomodou nada, mande sempre.

**Eu e só eu**—Porto—Mais vale só do que mal acompanhado... Estas respostas são absolutamente gratuitas e porisso os cinco escudos que mandou estão ao seu inteiro dispor. Lewis Stone está nos Metro-Goldwyn-Studios—Culver City, California, U. S. A.; William Powell está nos Warners-First National Studios, Burbank, California, U. S. A. E' preferível escrever-lhes em inglês, mas pode faz-lo também na nossa lingua. O essencial é mandar os vinte e cinco ou cinquenta centimos americanos.

**Eu também sou nudista**—Matozinhos—Sabe uma coisa? A gente da sua vila deu-me um desgosto. Até aqui podiamos fazer quasi nudismo, absolutamente á vontade, nessa praia; pois agora, por causa duns moralões idiotas e púdicos, não podemos andar de peito ao léu em frente á zona das barracas. Ora valha-lhes Deus!... O que vale é que temos por onde nos estendermos... O nudismo nada ou quasi nada tem quer ver com o cinema, simplesmente eu aconselho-vos a ida para a praia e a exposição do corpo ao sol e ao ar do mar porque isso é muitíssimo mais util e recomendavel do que apanhar bebedeiras ou passar horas esquecidas no ambiente enfumado dos cafés. Aí tem as minhas razões.

#### PARA TODOS LEREM:

Apesar dos avisos que aqui temos feito, ha uns senhores sem educação que se divertem a enviar-nos cartas sem estampilhas, encerrando meia duzia de frases e perguntas parvas, só para terem o prazer de nos pregarem uma partidinha ou se esquivarem a gastar os quarenta centavos de selo.

Como últimamente nos foram enviadas mais algumas cartas mudadas por falta de estampilhas--cartas que, aliás, não foram por nós aceites—, prevenimos os nossos leitores, mais uma vez, de que não aceitaremos cartas que não venham suficientemente seladas, assim como, também, não responderemos áquelas cujo teor não mereça o gasto de uma linha que seja, desta página.

Amok.

# AGUA DOURO

continua a exhibir com enorme exito o surpreendente fonofilme portugûes realizado por Leitão de Barros e interpretado por:

Dina Tereza, Maria Sampaio, Maria Izabel, Ribeiro Lopes, Antonio Fagin, Antonio Luiz Lopes, D. Antonio Lavradio, Silvestre Alegirim, Augusto Costa (Costinha), Regina Montenegro, Luiz Durão, Mariana Alves, Matilde Matos, Francis, Eduardo Dores, etc.

# A S E V E R A

Adaptação do imortal trabalho de JULIO DANTAS, reconstituindo, em quadros de surpreendente verdade e beleza, velhos costumes não muito distantes mas já diluidos no tempo: a vida ruidosa dos fidalgos brigões e amorudos, o entusiasmo ráxico pelo fado e pelas toiradas, a alegria natural e sadia das festas populares nos meados do século findo.

# Pobre cinema!...

(Conclusão)

Com o cinema é a mesma coisa. O público habituou-se à mediocridade e por isso aceita-a e assimila-a mesmo com prazer, surpreendendo-se, justamente, quando lhe dão qualquer coisa melhor, mais pura, mais bem feita...

Se antes do advento do sonoro o cinema era escravo do comercio e do capitalismo, agora é-o muito mais. Quem tem ainda a ingenuidade de supor que os grandes magnates do cinema-business procuram fazer arte ou mandam os seus subditos fazer arte?... A indústria fonocinematográfica tem uma engrenagem internacional demasiado complicada e os grandes senhores da Western Electric, da R. C. A., da A. E. G.—os tzares do cinema mundial—e sobretudo o sr. Will Hays—curvai vos!—teem lá tempo para pensar nessas bagatelas! Já não lhes deu pouco que fazer a divisão do mundo, entre si, para a exploração da sua aparelhagem para sonoro e uso de patentes... quanto mais pensar em arte!..

Amanhã ainda será peor do que hoje. O cinema abafa e prostitui-se pelas viélas do commercialismo. E graças se ainda um Eisenstein, um Clair, um Dreyer, um Pabst trabalham livremente!...

Para vos mostrar claramente no meio de quem vive hoje a cinematografia, basta dizer-vos isto: Exibia-se ha pouco em Nova-York e com sucesso, um magistral documentário soviético *Turksib*, ao qual toda a imprensa estrangeira tem feito os maiores panegiricos. (2) Simultaneamente, os supremos dirigentes das grandes firmas construtoras de aparelhos de tomadas e reprodução de sons e outras poderosas entidades, juntaram-se em Paris, em conferência, para repartirem a terra entre si, como bons irmãos. Porém, à última hora, descubrem que a U. R. S. S. (3), sem lhes dar a mínima importância, estava construindo aparelhagem para o sonoro, aproveitando a invenção dum engenheiro russo. Mas quê?! Eis então a U. R. S. S. dispensa a aliança e a protecção de Suas Excelencias?! E atreve-se a fazer em casa toda a aparelhagem!? Pois bem isto não ficará assim, gritam em côro os poderosos conferentes. A U. R. S. S. será risada do mapa-mundo! E sr. Will Hays, senhor supremo do cinema americano e que não costuma demorar vinganças, telefona, telegrafo, fala de grosso e momentos depois *Turksib*—uma incontestável obra de arte, um filme dum valôr cultural notabilissimo e duma surpreendente beleza visual—é retirado repentina-

(2) Vide *Invicta-Cine* n.º 105.

(3) Nem aqui o cinema tem absoluta liberdade (diga-se tambem de passagem), mas por outros motivos.

mente do cartaz... simplesmente a pedido de Sua Excelência...

E' nas mãos de homens como este que o cinema caiu. São homens como este que regem o seu destino, que guiam os seus passos. Só o *business*, só o oiro, só o ganho lhes interessa. Nada mais.

Como poderás tu, pobre cinema, libertares-te do jugo sob o qual vergas e revelar-nos o tesouro enorme que guardas no teu seio? Quando te resgatarão da escravidão que te definha e entorpece? Quando?

A. C.

## Da vida cinegrafica

(Conclusão)

150 electricistas. Quando a produção é intensa, a Radio emprega 280 electricistas, mas para toda a temporada 1931-32 crê-se que empregará 220 electricistas.

Já não se usam as lampadas de arco, porque produziam ao arder, um som que ficava no filme, mas os fôcos electricos que as substituíram consomem de 500 a 2500 watts cada um e se se tiver em conta que há ocasiões de estarem servindo 300 destes fôcos, sendo ás vezes, ainda insuficientes para iluminar certas cênas, poder-se-á formar uma ideia do forte gasto que representa a electricidade nos estúdios produtores.

Estes dois biliões de Watts são suficientes para as necessidades normais de um ano duma cidade (1) de 100 000 habitantes e dumas 30.000 habitações. Deixemos ao cuidado dos amadores de estatística que calculem o número de ventoinhas, máquinas de lavar, de varrer, torradeiras etc. que se poderiam movimentar com esta energia.

(1) A energia produzida em Portugal em 1929 foi de 240 milhões de K W H.

*Por motivos imperiosos e bem atheios á nossa vontade, o presente número de Invicta Cine sai com uma semana de atraso. Esperamos, pois, que os nossos leitores tenham a amabilidade de nos perdoar uma falta da qual, aliás, não somos culpados.*

Visado pela Comissão de  
Censura

FOTOGRAFIA GUEDES A MAIS PREMIADA  
A MAIS PREFERIDA

Distinguida pela superioridade dos seus trabalhos

Telefone, 2680

NEVES GUIMARÃES

346, Rua Santa Catarina, 350

# Jardim Passos Manuel

Cinema Sonoro ao ar livre  
exibindo-se a linda comédia americana

## Queridinha

Uma produção da Paramount com  
Nancy Carrol e Jack Oakie

# CASTELLO LOPES L.<sup>DA</sup>

apresenta Hoje e Amanhã no

O L I M P I A

a super-produção da  
FIRST NATIONAL PICTURES

## S A L L Y

grande opereta 100 % falada e cantada  
com: MARYLIN MILLER

Inumeras cenas coloridas--Lindas canções--Dansas  
maravilhosas--Cenários deslumbrantes--Corpo de  
baile ALBERTINA RASCH.

**Aviso aos Snrs.  
Exibidores**

Por lapso, anunciamos no ultimo  
numero que o fonofilme

**O Rei dos  
Borlistas**

era distribuido pela Agencia Cine-  
matográfica H. da Costa, L.da  
quando a verdade é que essa bela  
produção pertence á casa

**CASTELLO LOPES, L.da**